

# Willy Corrêa de Oliveira

Aos 68 anos de idade, o compositor pernambucano Willy Corrêa de Oliveira, há quatro décadas radicado em São Paulo, continua a ser referência para as novas gerações. Recém aposentado pela USP – onde deu aulas de composição para diversos nomes atuantes no cenário brasileiro – Willy (como é chamado informalmente) tem sido tema de mestrados e doutorados. Atualmente parte de sua obra está sendo editada pelo Projeto Petrobras Cultural, a ser lançado no próximo dia 6, em São Paulo. Apesar de ter iniciado sua carreira de compositor alinhado com a estética nacionalista, na década de 1960 Willy viria a se tornar um dos grandes ícones da vanguarda musical brasileira, a par dos desenvolvimentos que surgiam na Europa, onde teve aulas com importantes compositores, como Stockhausen, Boulez, Berio e Henry Pousseur. Marxista de opiniões fortes e com uma relação visceral com a música, Willy mostra-se um defensor da arte de vanguarda. Leia a seguir a entrevista que Willy Corrêa de Oliveira concedeu à Revista CONCERTO.

## Por Leonardo Martinelli

### Como se iniciou sua carreira musical?

Comecei a me interessar por música em minha infância, quando vi filmes como “À noite sonhamos” (filme de 1945, baseado na vida de Chopin), e a partir de então passei a estudar piano. Quase que ao mesmo tempo comecei a compor algumas peças. Naquela época o nosso contato com a música folclórica era muito direto. Posteriormente, passei a estudar profundamente música medieval e renascentista, e fazia uma mistura entre estilos, até que na década de 60 entrei em contato com a música de vanguarda de então.

### O que ocasionou sua mudança de uma prática nacionalista para a vanguarda?

Quando tinha aproximadamente 18 anos conheci o maestro Olivier Toni, que me apresentou muita

música nova e me ajudou a demolir uma série de preconceitos que tinha até então. A partir desse contato, mergulhei de cabeça na poética vanguardista e, literalmente, queimei quilos de minhas composições anteriores.

### Por que queimar suas partituras?

Quando criança, meu pai viajava muito a trabalho, e isto me fez aprender a dizer adeus para coisas. Aquilo o que tinha feito até então não significava mais nada para mim, era preciso me despedir disso. E durante a minha vida fiz diversas fogueiras com obras minhas.

### Acredita ser possível ensinar alguém a compor?

Não. Acredito que composição não se ensina. Entretanto, o que sempre trabalhei em classe foi o entendimento da música enquanto linguagem. É necessário a aprender a “falar”. E para isto é fundamental que se pratique essa linguagem. Em minhas aulas partia da base pessoal de cada aluno, que chamo de “acontecimento acústico”, e procurava transformá-lo em um “acontecimento linguístico”. Sem isto, não é possível compor.

### E como foi, na década de 1960, aprender com ícones como Berio, Stockhausen, Pousseur e Boulez?

Na verdade foi um processo muito lento, decantado mesmo. Antes de conhecê-los, já tinha estudado suas obras a partir de minhas aulas com Toni, e lá na Europa não foi possível estabelecer um contato demorado com eles. Porém, dentre todos, aquele que teve um papel fundamental em minha formação foi o Pousseur, com quem descobri uma direção. Suas preocupações artísticas, sua erudição e seu jeito de dar aulas foram decisivos para mim.

### Como você vê o papel da vanguarda musical num mundo que – como diz o maestro Nikolaus Harnoncourt – quer apenas ouvir “música histórica”?

Depois de muitos anos cheguei à conclusão de que a música erudita no capitalismo é impossível. Essa maneira de organizar socialmente os homens é anti-artística por natureza. Ou você segue ao “Rei Midas” ou segue à arte, que não tem nada a ver com isso. O capitalismo torna muito difícil a educação e, principalmente, a verdadeira comunicação, que é essencial para a arte.

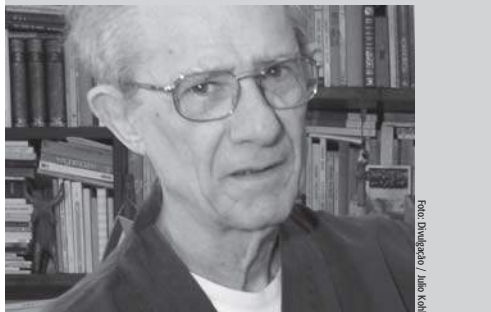


Foto: D. B. / J. K. / K. K.

**Mas já no século XVIII o capitalismo existia no Ocidente (tal como analisado por Adam Smith) o que não inviabilizou a música de Mozart e Beethoven, por exemplo. Por que anteriormente a arte era possível e hoje em dia não?**

Eu acho que agora tudo no mundo está se polarizando. O capitalismo tem uma característica constante que é tirar o sentido de qualquer coisa que não seja o capital. Ele foi, gradativamente, minando todos outros valores até chegarmos ao nosso estágio atual. E, afinal, o capitalismo acabou inserindo a cultura artística em sua cultura de compra-e-venda e de exploração da miséria. Karl Marx já havia previsto isso. Estamos hoje na época da “estupidificação” definitiva, este fim-de-coisa que temos hoje em dia.

**Você, então, concordaria com Arnold Schoenberg quando ele diz: “Se é arte não é para as massas. Se é para as massas, não é arte”?**

Não concordo de jeito nenhum. Schoenberg, apesar de um gênio, foi um grande f.d.p. ao dizer isto. Ele deveria ter dito “Se existe capitalismo, então não haverá música pra ninguém, nem para massa nem para não-massa”. Isto é papo furado, tal como Oswald de Andrade quando disse que “a massa ainda vai comer o biscoito-fino que eu fabrico”. De que massa ele está falando? Que biscoito-fino é esse?

**Como analisa a apatia das instituições musicais – orquestras, teatros, etc. – e do público para com a música de vanguarda de nosso tempo?**

O problema central disso é a organização do sistema capitalista, uma forma de organização tão monstruosa que nos levou a esse limite. E esse é que é o limite final das coisas. A partir de agora as

coisas serão muito piores. Por um lado, não existe uma linguagem musical no capitalismo atual, o que dificulta para as pessoas irem aos concertos e ouvirem esse tipo de música. Nós nunca perguntamos ao público o que eles querem ouvir. E eu não perguntaria, pois não me sinto envolvido com eles também. Na verdade, os compositores da atualidade escrevem para ninguém. Escrevemos por uma questão de sobrevivência. Não sobrevivência material, mas sim pessoal.

**Como definiria a arte de compor?**

Antes de tudo, tem que ter a vontade de pegar o papel e escrever. E como hoje não existe uma linguagem musical, você tem um trabalho semelhante ao de um lingüista. É você quem decidirá sua linguagem e ninguém poderá fazer isso por você. A escrita vem sempre de uma decisão de foro íntimo. Agora, lhe digo que morreria se não compusesse. E como não quero morrer tão cedo, continuarei escrevendo. Trata-se mesmo de uma necessidade “anímico-fisiológica”.

**Você se identifica como um compositor politicamente engajado?**

Se hoje eu tivesse a certeza de que o engajamento artístico levaria à aniquilação do capitalismo, eu já estaria engajado. Acredito que isto é a maior felicidade que uma pessoa possa ter. Mas a verdade é que as coisas não são bem assim. Compor é uma coisa mesquinamente individual, burguesa. Uma questão de sobrevivência no sentido que me referi anteriormente.

**Chegou a parar de compor?**

Sim, por oito anos. Na década de 1980 entrei em crise ao constatar que era comunista mas, no entanto, fazia uma arte burguesa. Isso foi tão profundo que perdi completamente o interesse por música erudita, trabalhando apenas com música engajada, diretamente com trabalhadores nas portas das fábricas. Curiosamente, foram os anos mais felizes de minha vida.

**Você se considera um pessimista?**

Não, pelo contrário! Apesar de tudo, sou um otimista por natureza.

**Obrigado pela entrevista. ♦**